

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Laura Garcia Michelon

Determinismo biológico e a distinção sexo/gênero

São Paulo

2022

LAURA GARCIA MICHELON

Determinismo biológico e a distinção sexo/gênero

Versão original

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo para
obter o título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia Experimental

Orientadora: Prof. Dra. Briseida Dôgo de
Resende

São Paulo

2022

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E
PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Garcia Michelin, Laura

Determinismo biológico e a distinção sexo/gênero / Laura Garcia Michelin;
orientadora Briseida Dôgo de Resende. -- São Paulo, 2022.

32 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental) -
- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Sexo. 2. Gênero. 3. Feminismo. 4. Determinismo biológico. 5. Dicotomia. I.
Dôgo de Resende, Briseida, orient. II. Título.

Título: Determinismo biológico e a distinção sexo/gênero

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestre em Ciências.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Michelon, L. G. (2022). Determinismo biológico e a distinção sexo/gênero. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

O ensaio é uma revisão crítica que apresenta o debate realizado por autores clássicos e expoentes na área, que trabalham com os temas em questão. Tem como objetivo questionar a visão dicotômica de sexo e gênero. Para tal, apresentamos a problemática do determinismo biológico e a visão reducionista de uma maneira geral. Após, passamos a uma crítica da dicotomia com base na determinação do sexo em animais não humanos e discutimos as terminologias de sexo e gênero e o feminismo na questão de gênero. Ao final, discutimos as propostas de resolução dessa dicotomia.

Palavras-chave: Sexo. Gênero. Feminismo. Determinismo biológico. Dicotomia.

ABSTRACT

Michelon, L. G. (2022). Biological determinism and the sex/gender distinction. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

The essay is a critical review that presents the debate carried out by classic authors and exponents in the area, who work with the themes in question. It aims to question the dichotomous view of sex and gender. To this end, we present the problem of biological determinism and the reductionist view in general. Afterwards, we move on to a critique of the dichotomy based on sex determination in non-human animals and discuss the terminologies of sex and gender and feminism on the issue of gender. At the end, we discuss the proposed resolution of this dichotomy.

Keywords: Sex. Genre. Feminism. Biological determinism. Dichotomy.

1 INTRODUÇÃO

Em reportagem intitulada “Entenda por que feminismo racha ao debater conceitos de gênero e transexualidade” na Folha de São Paulo, em 30 de julho de 2022, a repórter Marina Lourenço apresenta polêmicas atuais motivadas pela discussão sobre o que é ser mulher e ser homem.

Uma das discussões trazidas é sobre o que comumente se denomina “direitos das mulheres”, surgida em audiência nos Estados Unidos da América para debater as consequências de a Suprema Corte dos Estados Unidos vetar o direito constitucional ao aborto no país. Um dos pontos levantados foi que a gestação não é exclusiva de pessoas que se declaram como mulheres. Homens trans, pessoas não-binárias e agênero também poderiam engravidar. Nessa linha, o senador republicano americano, Josh Hawley, questionou "Então, se esta não é realmente uma questão de direitos das mulheres. É o quê?".

Outro ponto atual que está em linha com essa discussão é a classificação de sexo/gênero para competições esportivas. Em reportagem para o jornal O Globo, em 8 de julho de 2022, a repórter Tatiana Furtado traz a questão dos testes de feminilidade exigidos em competições esportivas.

Quatro jogadoras do time de futebol da Zâmbia estão fora da Copa da África por não ter passado em testes de feminilidade exigidos pela Confederação Africana de Futebol (CAF). O teste de feminilidade exigido é hoje considerado ultrapassado por especialistas em sexualidade e gênero, por entidades de direitos humanos e pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). A CAF exige um atestado de que as jogadoras foram examinadas para verificar seu gênero e que indique a ausência de desvios nas características sexuais secundárias, garantindo a “falta de pelos no corpo, quadris arredondados, diminuição da capacidade de gerar massa muscular em ritmo acelerado, diminuição da força da parte superior do corpo, seios, capacidade de amamentar crianças, um ciclo menstrual e aumento da composição de gordura corporal”. Exames de ressonância magnética, testes genéticos e análises laboratoriais, são realizados para tal fim.

Parte das jogadoras examinadas “reprovaram” na medição dos níveis de testosterona, estando com uma produção “acima do aceitável”. Estas jogadoras, que se consideram do gênero e sexo feminino, foram submetidas a um tratamento de supressão hormonal, que depois recusaram devido aos efeitos colaterais. Esse tipo de procedimento, de supressão hormonal para fins esportivos, não é considerado adequado sob a perspectiva médica.

No início de 2022, o COI modificou suas orientações sobre o assunto e deixou a não mais recomendar a realização de "exames físicos invasivos" e "políticas que exigem que as mulheres modifiquem seus níveis hormonais para competir".

Com o cenário dessas discussões, o presente ensaio tem como objetivo questionar a visão dicotômica de sexo e gênero. Para tal, apresentaremos a problemática do determinismo biológico e a visão reducionista de uma maneira geral. Após, passaremos a uma crítica da dicotomia com base na determinação do sexo em animais não humanos. Então, discutiremos as terminologias de sexo e gênero. Entraremos no feminismo e na questão de gênero. Ao final, discutiremos as propostas de resolução dessa dicotomia. Uma vez que o ensaio é uma revisão crítica, será apresentado o debate realizado por autores clássicos e expoentes na área, que trabalham com os temas em questão.

7 CONCLUSÃO

Embora essas mudanças de visão de gênero/sexo, bem como as mudanças sociais e a oposição que as acompanham, tenham recebido muita atenção em disciplinas como estudos de gênero, sociologia e filosofia, essas questões estão amplamente ausentes da literatura da psicologia (Morgenroth & Ryan, 2021).

Hyde et al. (2019) elencaram os desafios que essa nova visão de gênero/sexo traz no contexto de pesquisas futuras no campo da psicologia. Eles se basearam em descobertas empíricas dos campos da neurociência, neuroendocrinologia, estudos transgêneros e queer e psicologia do desenvolvimento. Os autores recomendaram que o campo da psicologia adote novos métodos de pesquisa que reconheçam e investiguem a multidimensionalidade de gênero/sexo.

Eagly & Wood (2013) discutem a mensagem que a psicologia passa para a população acerca da discussão gênero versus sexo. Ressaltam a inconsistência que é passada sobre a questão inato versus aprendido, biológico versus cultural, uma vez que diferentes linhas passam diferentes mensagens. A diversidade das teorias da psicologia permitiria, então, que leigos selecionassem livremente o que acreditar com base em sua própria ideologia. Os autores propõem que uma mensagem coerente da psicologia exigiria uma integração das diversas correntes de pesquisa sobre gênero em teorias de interação biossocial que reconhecem papéis causais para as influências biológicas e sociais sobre a psicologia dos diferentes gêneros/sexos.

Considerando os pontos trazidos podemos pensar que a dicotomia sexo e gênero, bem como seus correlatos biológico versus cultural, físico vs. mental, inato vs. aprendido, pouco trazem de contribuição para a compreensão do assunto e o avanço dessas pautas em âmbitos sociais. A dicotomia sexo e gênero, tão presente em discursos científicos e no entendimento “popular” vai no sentido aposto à compreensão de uma biologia integracionista e interacionista.

Só conseguiremos nos livrar de argumentações preconceituosas de que anatomia deve determinar comportamento quando entendermos que essa anatomia só é compreendida dentro de uma lógica já enviesada pelos conceitos de gênero. Ao entendermos a anatomia como parte constituinte do organismo, e que essa interage com a cultura e o ambiente, como uma via de mão dupla, e não como determinante e determinada, passaremos a entender o comportamento não como consequência da anatomia, e sim como construído junto a ela.

REFERÊNCIAS

- Armstrong, H. L. (Ed.) (2021). *Encyclopedia of Sex and Sexuality: Understanding Biology, Psychology, and Culture [2 volumes]*. ABC-CLIO.
- Bagemihl, B. (1999). *Biological exuberance: Animal homosexuality and natural diversity*. Macmillan.
- Birke, L. (1991). Science, feminism and animal natures I: Extending the boundaries. *Women's studies international forum*, 14(5) Pergamon, 443-449.
- Bussab, V. S. R., & Ribeiro, F. L. (1998). Biologicamente cultural. *Psicologia: reflexões (im) pertinentes*, 175-193.
- Butler, J. (1990). Gender trouble, feminist theory, and psychoanalytic discourse. *Feminism/postmodernism*, 327, 324-340.
- Butler, J. (1999). Revisiting bodies and pleasures. *Theory, Culture & Society*, 16(2), 11-20.
- Bogardus, T. (2020). Evaluating Arguments for the Sex/Gender Distinction. *Philosophia*, 48(3), 873-892.
- Carrera, M. V., DePalma, R., & Lameiras, M. (2012). Sex/gender identity: Moving beyond fixed and 'natural' categories. *Sexualities*, 15(8), 995-1016.
- de Beauvoir, S. (2014). *O segundo sexo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Eagly, A. H., & Wood, W. (2011). Feminism and the evolution of sex differences and similarities. *Sex Roles*, 64(9), 758-767.
- Eagly, A. H., & Wood, W. (2013). The nature–nurture debates: 25 years of challenges in understanding the psychology of gender. *Perspectives on Psychological Science*, 8(3), 340-357.
- Eagly, A. H., & Wood, W. (2017). Gender identity: Nature and nurture working together. *Evolutionary Studies in Imaginative Culture*, 1(1), 59-62.
- Ellison, G., & de Wet, T. (2018). Biological determinism. *The International Encyclopedia of Biological Anthropology*, 1(4).
- Fausto-Sterling, A. (2000). *Sexing the body: Gender politics and the construction of sexuality*. Basic books.
- Fausto-Sterling, A. (2012). The dynamic development of gender variability. *Journal of Homosexuality*, 59, 398-421.
- Fausto-Sterling, A. (2019). Gender/sex, sexual orientation, and identity are in the body: How did they get there?. *The Journal of Sex Research*, 56(4-5), 529-555.

- Friedman, A. (2006). Unintended consequences of the feminist sex/gender distinction. *Genders*, (43).
- Furtado, T. (2022, 08 de julho). Teste de feminilidade: o que é e por que jogadora de Zâmbia não poderá atuar na Copa da África. O Globo. Recuperado de <https://oglobo.globo.com/blogs/carlota/post/2022/07/teste-de-feminilidade-o-que-e-e-por-que-jogadora-de-zambia-nao-podera-atuar-na-copa-da-africa.ghtml>
- Gamble, T., & Zarkower, D. (2012). Sex determination. *Current Biology*, 22(8), R257-R262.
- Gottlieb, G. (2001). A developmental psychobiological systems view: Early formulation and current status. In S. Oyama & P. E. Griffiths (Eds.), *Cycles of contingency: Developmental systems and evolution* (pp. 41-54). Cambridge, MA: MIT Press.
- Gowaty, P. A. (2018). Biological essentialism, gender, true belief, confirmation biases, and skepticism. In C. Travis (Ed.), *APA handbook of the psychology of women* (pp. 145-164). Washington, DC: American Psychological Association.
- Greene, S. (2020). Biological determinism and essentialism. *Companion to Feminist Studies*, 13-34.
- Haraway, D. (2004). "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos pagu* (22), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 201-246.
- Hopkins, S., & Richardson, L. (2021). Gender Identity: From Biological Essentialism Binaries to a Non-binary Gender Spectrum. *Encyclopedia of the UN Sustainable Development Goals Gender Equality*, 534-543.
- Hyde, J. S., Bigler, R. S., Joel, D., Tate, C. C., & van Anders, S. M. (2019). The future of sex and gender in psychology: Five challenges to the gender binary. *American Psychologist*, 74(2), 171.
- Jackson, S., & Scott, S. (Eds.). (2002). *Gender: A sociological reader*. Psychology Press.
- Karkazis, K. (2019). The misuses of "biological sex." *Lancet*. 394, 1898–1899.
- Kesser, S. J., & McKenna, W. (1985). *Gender: An ethnomethodological approach*. University of Chicago Press.
- Laqueur, T. (1992). *Making sex: Body and gender from the Greeks to Freud*. Harvard University Press.
- Lewontin, R. C. (1983). Biological determinism. *Tanner Lectures on Human Values*, 4, 147-183.
- Lewontin, R. C., Rose, S. P. R., & Kamin, L. (1982). Bourgeois ideology and the origins of biological determinism. *Race & class*, 24(1), 1-16.
- Lickliter, R., & Honeycutt, H. (2003). Developmental dynamics: toward a biologically plausible evolutionary psychology. *Psychological bulletin*, 129(6), 819.

Lighty, K. (2018). *The Sex/Gender Distinction in Contemporary Gender and Women's Studies Introductory Textbooks*. Minnesota State University, Mankato.

Meyerowitz, J. (2008). A history of "gender". *The American Historical Review*, 113(5), 1346-1356.

Lourenço, M. (2022, 30 de julho). Entenda por que feminismo racha ao debater conceitos de gênero e transexualidade. Folha.com. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/07/de-jk-rowling-a-aborto-debate-sobre-o-que-e-ser-mulher-divide-o-feminismo.shtml>

Moi, T. (1999). "I am a Woman": The Body as Background in The Second Sex. *Paroles gelées*, 17(2).

Money, J., & Ehrhardt, A. A. (1972). *Man and woman, boy and girl: Differentiation and dimorphism of gender identity from conception to maturity*. Johns Hopkins U. Press.

Money, J., Hampson, J. G., & Hampson, J. L. (1955). An examination of some basic sexual concepts: The evidence of human hermaphroditism. *Johns Hopkins Hospital Bulletin*, 97, 301–319.

Morgenroth, T., & Ryan, M. K. (2021). The effects of gender trouble: An integrative theoretical framework of the perpetuation and disruption of the gender/sex binary. *Perspectives on Psychological Science*, 16(6), 1113-1142.

Oakley, A. (2016). *Sex, gender and society*. Routledge.

Oyama, S., Gray, R. D., & Griffiths, P. E. (Eds.). (2003). *Cycles of contingency: Developmental systems and evolution*. Mit Press.

Paiva, V. (2008). A psicologia redescobrirá a sexualidade?. *Psicologia em Estudo*, 13(4), 641-651.

Prokhovnik, R. (2012). *Rational woman: A feminist critique of dichotomy*. Routledge.

Radačić, I. (2010). Addressing the sex/gender difference: An inclusive approach to human rights. *Zb. Prav. Fak. Sveuc. Rij.*, 31, 829.

Richardson, S. (2013). *Sex Itself: The Search for Male and Female in the Human Genome*. Chicago and London: University of Chicago Press.

Rogoff, B. (2003). *The cultural nature of human development*. Oxford university press.

Rose, S. P. R. (2003). *Lifelines: life beyond the gene*. Oxford University Press on Demand.

Rubin, G. (2002). Thinking sex: Notes for a radical theory of the politics of sexuality. In C. Vance (Ed.), *Plasure and Danger*. London, Routledge & Kegan Paul, 1984.

- Saul, J. (2012). Politically significant terms and philosophy of language: Methodological issues. *Out from the shadows: Analytical feminist contributions to traditional philosophy*, pp.195-216.
- Schiebinger, L. L. (1992). The gendered brain: Some historical perspectives. In *So Human a Brain* Birkhäuser, Boston, MA, Birkhäuser, 110-120.
- Schmitt, D. P., & Pilcher, J. J. (2004). Evaluating evidence of psychological adaptation: How do we know one when we see one?. *Psychological Science*, 15(10), 643-649.
- Schudson, Z. C., Beischel, W. J., & van Anders, S. M. (2019). Individual variation in gender/sex category definitions. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 6(4), 448.
- Shapiro, F. R. (1985). Historical Notes on the Vocabulary of the Women's Movement. *American Speech*, 60(1), 3-16.
- Stoller, R. J. (1968). A further contribution to the study of gender identity. *International Journal of Psycho-Analysis*, 49, 364-368.
- Unger, R. K., & Crawford, M. (1993). Sex and gender - The troubled relationship between terms and concepts. *Psychological Science*, 4(2), 122-124.
- Urry, L. A., Cain, M. L., Wasserman, S. A., Minorsky, P. V., & Reece, J. B. (2017). *Campbell biology*. Pearson Education, Incorporated.
- van Anders, S. M. (2015). Beyond sexual orientation: Integrating gender/sex and diverse sexualities via sexual configurations theory. *Archives of Sexual Behavior*, 44(5), 1177-1213.
- van Anders, S. M., & Dunn, E. J. (2009). Are gonadal steroids linked with orgasm perceptions and sexual assertiveness in women and men?. *Hormones and Behavior*, 56(2), 206-213.
- van Anders, S. M., Schudson, Z. C., Abed, E. C., Beischel, W. J., Dibble, E. R., Gunther, O. D., ... Silver, E. R. (2017). Biological sex, gender, and public policy. *Policy Insights from the Behavioral and Brain Sciences*, 4(2), 194-201.
- Vega-Frutis, R., Macías-Ordóñez, R., Guevara, R., & Fromhage, L. (2014). Sex change in plants and animals: a unified perspective. *Journal of evolutionary biology*, 27(4), 667-675.
- Wood, W., & Eagly, A. H. (2012). Biosocial construction of sex differences and similarities in behavior. In *Advances in experimental social psychology* (Vol. 46, pp. 55-123). Academic Press.
- Wood, W., & Eagly, A. H. (2013). Biology or Culture Alone Cannot Account for Human Sex Differences and Similarities, *Psychological Inquiry*, 24(3), 241-247.
- Wood, W., & Eagly, A. H. (2015). Two traditions of research on gender identity. *Sex Roles*, 73(11), 461-473.